

06. Cassirer: a filosofia das formas simbólicas ¹

Vladimir Fernandes

Ponto de partida: a "revolução copernicana" de Kant

Para se compreender os problemas tratados na "Filosofia das formas simbólicas" de Ernst Cassirer deve-se iniciar pela chamada "revolução copernicana" realizada por Immanuel Kant. Por "revolução copernicana" deve-se entender a transformação realizada por Kant na epistemologia, semelhante à transformação realizada por Nicolau Copérnico na concepção do universo. A teoria proposta por Copérnico no século XVI provoca uma verdadeira revolução no modelo tradicional geocêntrico aceito até então. Na teoria heliocêntrica de Copérnico, a Terra perde seu lugar privilegiado na hierarquia do sistema e o Sol passa a ocupar o seu lugar. Kant autodenominou o que realizou um tipo de "revolução copernicana" no campo epistemológico. O problema sobre a origem do conhecimento era respondido até o século XVIII por duas principais teorias: a do racionalismo e a do empirismo. Os racionalistas, de um modo geral, priorizam a razão no processo do conhecimento e aceitam a existência de idéias inatas, independentes da experiência. Já os empiristas, de um modo geral, enfatizam o papel da experiência sensível para aquisição do conhecimento. O conhecimento depende e resulta da soma e associação das sensações exteriores na percepção, ou seja, o sujeito na aquisição do conhecimento tem uma relação passiva com o mundo. Porém, segundo Kant, as investigações sobre o conhecimento não devem partir dos objetos do conhecimento, mas sim da própria razão que produz o conhecimento. Assim como Copérnico colocou o Sol no centro do sistema, Kant coloca a razão no centro das investigações, para que primeiramente fosse examinado como se processa e se fundamenta o conhecimento e o que é possível conhecer.

Kant irá concluir nos seus estudos que não são os sujeitos que se conformam aos objetos, mas sim que são os objetos que se conformam às faculdades do sujeito. Para ele, a razão é uma estrutura a priori, isto é, anterior à experiência e independente dela. Já os seus conteúdos são empíricos, isto é, dependem da experiência. Nossa percepção do mundo ocorre no espaço tempo, e estas são categorias a priori. Essas duas formas existem em nossa consciência antes de qualquer experiência. O mundo é percebido segundo as características da razão humana. Por isso sabemos como o mundo se "mostra para nós" (fenômenos), mas não somos capazes de conhecer a "coisa em si" (noumeno). Portanto, conhecimento para Kant é o conhecimento dos fenômenos. E só na ciência (mecânica newtoniana) é possível conhecimento universal e necessário. Para Kant a objetividade da ciência encontra-se na possibilidade de fundar leis. E as leis científicas são possíveis graças às relações causais que há entre os fenômenos.

A ampliação da "revolução copernicana"

No segundo volume de sua *Filosofia das Formas Simbólicas*, Cassirer afirma ter realizado em sua filosofia uma ampliação da inversão kantiana. "A 'filosofia das formas simbólicas' adota esta idéia crítica fundamental, este princípio em que se apóia a 'inversão copernicana' de Kant, a fim de ampliá-lo" (1925a, p.51).² Cassirer concorda com a "revolução copernicana" de Kant, mas vê nela um limite: restringir a esfera do conhecimento ao físico-matemático.

Se para Kant a ciência era concebida como um conhecimento universal e necessário, a esfera da objetividade por excelência, em Cassirer a ciência passa a ser compreendida como um conhecimento simbólico, uma "construção" simbólica em meio a outras. Nessa perspectiva, perde seu caráter universal e necessário e se coloca no mesmo patamar de outros conhecimentos simbólicos, de outras formas simbólicas.

A epistemologia kantiana é diferente da cassireriana porque a situação da ciência também é diferente. Enquanto em Kant sua epistemologia tem sua reflexão orientada na mecânica newtoniana,

¹ Este texto é um resumo do capítulo 1 da dissertação de Mestrado em Filosofia – *Ernst Cassirer: o mito político como técnica de poder no nazismo* – defendida na PUC SP em 2000, sob orientação do Prof. Dr. Mário Ariel Gonzáles Porta.

² Na verdade, segundo Gonzáles Porta, o que a *Filosofia das Formas Simbólicas* de Cassirer realiza não é propriamente uma ampliação de Kant, mas sim ambos estão diante de problemas diferentes colocados pela ciência e suas respostas também apontam soluções distintas.

considerada como modelo de ciência, em Cassirer sua epistemologia tem sua reflexão orientada na teoria do eletromagnetismo de Maxwell. Foi a impossibilidade de dar uma interpretação mecânica às teorias de Maxwell, na segunda metade do século XIX, que marca o fim da hegemonia da mecânica como teoria científica. Com a superação do mecanicismo supera-se a condição de intuitividade das teorias científicas, ou seja, as teorias científicas não têm mais uma correspondência imediata com a realidade sensível. Por exemplo, conceitos como átomo, massa, força etc., não existem de fato na realidade, mas são construções conceituais que visam interpretar o real. Para Cassirer, isso significa que objetividade não pode mais ser identificada com o conceito de substância, com um ser sensível existente, mas sim como uma forma de construir, de interpretar o mundo simbolicamente, ou seja, como uma função simbólica.

Assim, se a ciência é uma construção simbólica, tal característica não é exclusiva da ciência, mas também de outras esferas da produção cultural. Dessa forma, enquanto que Kant só admite a ciência como forma de conhecimento objetivo, Cassirer amplia essa característica para outras formas. Considerando que a "realidade" é uma construção simbólica e que existem várias formas de construir simbolicamente a realidade, daí se segue que existem várias formas de objetividade. O giro copernicano de Kant não exige necessariamente o pluralismo que defende Cassirer, mas o faz certamente possível. Se em Kant o problema fundamental era garantir a validade universal, em Cassirer passa a ser garantir a autonomia universal.³ Assim, a tese geral de Cassirer é que: 1) existem várias formas de objetivação da "realidade", o que ele chama de "formas simbólicas", e 2) todas elas têm o mesmo grau de validade. O problema da primeira tese é definir o que é uma forma simbólica e quais são elas. O da segunda tese, aparentemente fácil de expor pelas premissas, mas difícil de fundamentar, é explicar como todas as formas simbólicas possuem o mesmo grau de validade.

Dessa forma, diante de uma situação diferente da ciência contemporânea a Cassirer, ele buscará também dar uma resposta diferente ao problema epistemológico. Cassirer irá conceber o conhecimento científico como conhecimento simbólico. Analisemos então quais são os pressupostos dessa concepção.

As formas simbólicas

Retomando o que foi afirmado, Cassirer defende a tese que não só o conhecimento científico é um conhecimento simbólico, mas todo conhecimento e toda relação do homem com o mundo se dá no âmbito das diversas "formas simbólicas". E o que Cassirer entende como uma "forma simbólica"? Um dos problemas que surgem ao estudar Cassirer é buscar uma definição precisa do que ele entende por formas simbólicas e quais são estas. No seu trabalho *Essência e efeito do conceito de símbolo*, resultado das conferências realizadas em 1921, encontra-se sua definição mais explícita:

por "forma simbólica" há de entender-se aqui toda a energia do espírito em cuja virtude um conteúdo espiritual de significado é vinculado a um signo sensível concreto e lhe é atribuído interiormente. Neste sentido, a linguagem, o mundo mítico-religioso e a arte se nos apresentam como outras tantas formas simbólicas particulares. (1956, p.163)

Para Cassirer, *energia espiritual (Energie des Geistes)* deve ser compreendida como aquilo que o sujeito efetua espontaneamente, ou seja, o sujeito não recebe passivamente as sensações exteriores, mas sim as enlaça com signos sensíveis significativos. Daí que toda relação do homem com a "realidade" não é imediata, mas mediata através das várias construções simbólicas. A produção do simbólico, não somente a linguagem, é espontânea, todavia é também condição imprescindível para captação do sensível. Segundo Cassirer, esses signos ou imagens não devem ser vistos como um obstáculo, mas sim como a condição que possibilita a relação do homem com o mundo, do espiritual com o sensível. Através de signos e imagens pode-se "fixar" determinados pontos do fluxo temporal das experiências. (1956, p.164)

O ser humano não tem um papel passivo de apenas receber as impressões sensíveis se conformando a elas, mas antes são estas que são conformadas pelas faculdades humanas. Através da capacidade de produzir imagens e signos o homem consegue determinar e fixar o particular na sua consciência, em meio à sucessão de fenômenos que se seguem no tempo. Os conteúdos sensíveis não são apenas recebidos pela consciência, mas antes são engendrados e transformados em conteúdos simbólicos. (1956, p.165)

³ Cf. González Porta. Curso de História da Filosofia II.- PUC.SP. 1º sem. 1998.

Segundo Cassirer, o material sensível é o ponto de partida comum das distintas formas simbólicas a partir do qual vão transformar a mera expressão sensível num conteúdo significativo dotado de sentido simbólico. Cada forma simbólica configura os conteúdos sensíveis na sua forma particular e específica. Ao se designar um algo exterior por meio de um signo sonoro se diferencia e se fixa um sentido determinado a um objeto específico. O signo sonoro não é apenas uma expressão da diversidade do exterior, mas sim a própria condição de possibilidade da organização interna das representações. Cassirer afirma explicitamente como formas simbólicas o mito, a linguagem, a religião, a arte e a ciência.⁴

Signo e símbolo

Assim, conforme o que foi exposto, ficam estabelecidos os seguintes pontos: 1) não se tem acesso imediato à "realidade"; 2) a "realidade" é construída simbolicamente por diferentes perspectivas, diferentes formas simbólicas; 3) signos e símbolos são produzidos espontaneamente pelo sujeito na sua captação do sensível. E o que vem a ser um signo e um símbolo? Cassirer também pouco tematizou a esse respeito, mas pode se dizer que, embora os dois sejam produtos da atividade do sujeito, pertencem a esferas diferentes. Para Cassirer, um signo é uma entidade sensível dotada de significado e que permite um acesso intersubjetivo, como, por exemplo, as palavras. Entidade sensível, porque possui uma existência empírica, enquanto signo sonoro ou escrito. É dotada de significado pois representa algo e permite um acesso intersubjetivo, enquanto convenção comum daquilo que representa, como, por exemplo, a palavra livro. Já um símbolo consiste num dado sensível que possui significado, seja ele signo ou não. Segundo Cassirer, todo dado sensível é carregado de sentido pela percepção que é impregnada simbolicamente. Ou seja, toda percepção do mundo é simbólica, isto é, não existe um dado sensível puro ao qual seja atribuído sentido posterior, mas sim dados sensíveis já concebidos com sentido, como símbolos.⁵

A tese principal de Cassirer é que toda relação do homem com o mundo é mediada por um sistema de signos. Esses sistemas de signos não são necessariamente lingüísticos, podem ser artísticos, matemáticos etc. Mas a linguagem, enquanto sistema de signos, participa também de várias formas simbólicas, como mito, religião, ciência. Dessa tese da mediação sgnica entre o sujeito e o objeto desprendem-se várias outras.⁶ Embora o sujeito produza o mundo através da sua espontaneidade, é necessário um sistema de signos para fixar os significados. O idealismo de Cassirer funda a espontaneidade na dependência do signo. O signo é quem possibilita a intuitividade, que permite fixar os significados em meio ao fluxo temporal dos eventos. Assim, o sujeito depende dos signos para significar, para objetivar o mundo. Ordenar o mundo significa atribuir-lhe sentido através dos signos. Daí que para pensar o mundo é necessário um sistema de signos, como, por exemplo, os da linguagem. O pensamento então depende da linguagem e, logo, segundo Cassirer, para diferentes estruturas de linguagem correspondem diferentes estruturas de pensamento. Embora a linguagem e o pensamento não sejam a mesma coisa, eles caminham juntos. A linguagem estrutura o que percebemos e o que pensamos. A capacidade de ver coisas diferentes depende da capacidade de fazer distinções lingüísticas. Aquilo que não se pode nomear é como se não existisse. Por exemplo, os habitantes dos pólos distinguem muito mais gradações do branco do que os de outras regiões. Para Cassirer, o signo é a própria condição de possibilidade da organização interna das representações.

Cassirer, no seu *Ensaio sobre o Homem*, busca fundamentar sua tese do homem como *animal symbolicum*, argumentando que é só o ser humano que atinge o estágio de uma *linguagem proposicional*, enquanto mesmo os animais mais evoluídos atingem apenas uma *linguagem emocional* e uma *inteligência prática*, susceptíveis de aprender a identificar sinais por reflexos condicionados, o que os coloca muito distante de uma linguagem simbólica.⁷

Para Cassirer, só o homem desenvolve por si mesmo uma linguagem e uma inteligência simbólica. Dessa forma, a questão sobre o que é o homem e qual sua diferença mais primária e específica em relação aos outros seres ganha novo enfoque. No *Ensaio sobre o homem*, Cassirer defende que é mais adequado definir o homem como *animal symbolicum* do que como um *animal rationale*, pois esta última definição contempla apenas uma faceta do homem, uma capacidade que não se faz presente em todas as suas produções, já que não se pode

⁴ O problema de incluir outras formas simbólicas nessa lista demandaria uma longa abordagem que não é o objetivo central deste estudo.

⁵ Essa tese será analisada no item 1.5

⁶ Cf. González Porta. Curso de História da Filosofia II.- PUC.SP. 1º sem. 1998.

⁷ Como por exemplo nas experiências de Pavlov (Cassirer, 1944, p.60).

dizer que a linguagem primária, o mito ou a religião sejam puramente racionais. Mas ao defini-lo como um *animal symbolicum* se caracteriza sua diferença fundamental, de ser um produtor de signos e símbolos na sua relação com o mundo (1944, p.50). Pode-se comparar essa definição de Cassirer a duas outras concepções clássicas do homem. Aristóteles definiu o homem como *animal político* e Marx, em *A Ideologia Alemã*, o caracterizou como um *homo faber*, homem construtor de coisas. Na realidade, essas definições não são excludentes, mas estão relacionadas, sendo que a de Cassirer enfatiza uma característica mais primária. O que garante que o homem seja racional, construtor de coisas, e político é a sua condição de criar símbolos. O sistema de símbolos e a condição para ordenação do pensamento e da ação, seja essa ação desencadeada pela vontade ou pela necessidade.⁸

Pregnância simbólica e simbólica natural

Segundo Cassirer, o sujeito não tem acesso a um "dado sensível puro", como propõe o sensualismo. O dado sensível sempre é carregado de sentido pela percepção que já é originariamente simbólica. Ou seja, a tese da pregnância simbólica de Cassirer nega a tese do sensualismo que afirma que o dado sensível é um dado fenomenológico puro. Na experiência sensível, por mais elementar que seja, nunca existe um mero dado sensível, mas toda experiência contém sempre um dado sensível com significado. Para Cassirer, os sujeitos não recebem os puros dados sensíveis e os transformam, mas antes os mesmos já aparecem impregnados de sentido; ou seja, o dado sensível surge já fundido com o significado. Sua definição é que

por "pregnância simbólica" há de entender-se o modo como uma vivência perceptual, isto é, considerada como vivência "sensível" entranha ao mesmo tempo um determinado "significado" não intuitivo que é representado concreta e imediatamente por ela. (1929a, p.238)

A pregnância simbólica é a condição de possibilidade de toda forma simbólica, pois ela evidencia o caráter simbólico originário da nossa percepção. Isso remete a outra tese de Cassirer que é a simbólica natural, ou seja, que a capacidade da consciência representar simbolicamente é um fenômeno originário próprio da sua essência.

Assim, tem-se que: 1) A capacidade de representar é originária no ser humano; representação simbólica só existe porque existe a capacidade inata de representar, ou seja, a simbólica natural. 2) Desse modo, toda simbólica artificial pressupõe a simbólica natural, pois esta é sua "condição de possibilidade". 3) Toda percepção já é constituída simbolicamente, isto é, através de símbolos, pela pregnância simbólica. 4) Quando se perde a capacidade de representar o mundo simbolicamente se perde também a capacidade de ordená-lo.

Dessa forma, Cassirer fundamenta sua tese e sua crítica ao sensualismo. A percepção não recebe o dado sensível puro, antes o constrói simbolicamente e significativamente. Assim, um mesmo dado sensível pode ser "visto" por perspectivas diferentes. Cassirer, no seu trabalho *Essência e efeito do conceito de símbolo*, dá como exemplo um traçado de linhas que formam um desenho. Este pode ser concebido como uma obra de arte para o pensamento estético, como uma figura mágica para o pensamento mítico, como uma função lógica para a matemática.

Classificação das formas simbólicas

Para Cassirer, em toda forma simbólica há uma relação entre o signo e o significado, mas essa relação não se dá da mesma maneira entre as formas simbólicas, mas sim numa tripla graduação: expressividade, representação e significado. Vejamos cada uma delas. a) A relação de expressividade é típica do mito. Nessa relação, há uma identidade entre o signo e o significado. O signo se confunde com o significado, ambos estão fundidos. Os símbolos não representam a coisa, mas se confundem com ela; o nome, a imagem, toma o lugar e os atributos da própria coisa que designa. Esse fato está na base da experiência mágica com o mundo. b) A relação de representação é característica da linguagem. Há uma separação entre o signo e o significado. O nome está no lugar da coisa de forma convencional e serve para representá-la. c) Já a relação de significado é

⁸ Ver à frente item 1.7.

típica da ciência. Há uma independência entre o signo e o significado. Embora na relação de significado se utilizem signos, estes não permitem uma retradução em termos de elementos sensíveis. Existe uma autonomia do signo em relação ao mundo sensível; os signos se tornam uma espécie de "ficções".

Os três tipos básicos de relação entre o signo e o significado estabelecidos por Cassirer resolvem o problema de se classificar três formas simbólicas que ele aborda explicitamente. A relação de expressividade é típica do mito, a de representação é típica da linguagem e a de significado, da ciência. Já com respeito à religião e à arte, com base nas afirmações de Cassirer, pode-se tentar posicioná-las nessa relação.

Características da produção simbólica

Retomando, em linhas gerais, o percurso desenvolvido até então, Cassirer parte da "revolução copernicana" de Kant, ou seja, da tese epistemológica que afirma que não são os sujeitos que se conformam aos objetos, mas que são estes que se conformam às faculdades do sujeito. Porém, Cassirer não aceita a limitação da objetividade à esfera da ciência. Argumenta ele que a ciência, enquanto uma produção espontânea do sujeito, é apenas uma forma de objetivação em meio a outras. Assim, para Cassirer, a ciência não é concebida como uma forma de conhecimento privilegiada, que estaria acima de outras, mas sim no mesmo patamar de outras formas de objetivação produzidas pelos sujeitos. A ciência, juntamente com essas outras formas de objetivação, Cassirer denomina como formas simbólicas. Para ficar mais claro, pode-se resumir as principais características de uma forma simbólica como: 1) São construções simbólicas realizadas pelos sujeitos, ou seja, conforme já foi visto, toda relação dos sujeitos com o mundo se dá no âmbito simbólico. Daí que uma forma simbólica é uma construção simbólica espontânea efetuada pelos sujeitos. 2) Têm em comum o fato de serem todas produções simbólicas, isto é, todas possuem uma origem simbólica comum e um modo de significação embasado nos mesmos pressupostos. 3) A diferença reside no fato de cada uma construir sua própria "realidade" de forma específica, ou seja, não existe uma "realidade" que seja interpretada de diferentes formas, mas sim uma "realidade" que é construída de formas diferentes, com diferentes perspectivas e valores. 4) Portanto, são irreduzíveis umas às outras, isto é, cada forma simbólica constrói sua própria realidade de modo particular, não se coincidindo e, portanto, não se confundindo uma com outra. 5) São criadoras de totalidade ordenada, ou seja, cada uma cria seu próprio cosmos explicativo para suas interrogações. 6) Cada qual pretende possuir validade universal, isto é, essas totalidades ordenadas não se concebem como uma forma de interpretação em meio a outras, mas sim como a única válida. 7) Das características 3, 4, 5 e 6 resultam as antinomias da cultura. Como cada forma simbólica não se concebe a si mesma como apenas uma forma particular em meio a outras, mas sim almejam uma validade universal, isso leva ao permanente conflito entre as formas simbólicas. Cada uma quer se afirmar como a única verdadeira e para isso deve combater as demais.

Assim, a conclusão geral desse item, até então, é que as diferentes formas simbólicas não convivem de forma harmônica; pelo contrário, já que são visões totalizantes da realidade, cabe a cada uma se intitular como a única verdadeira e para isso deve combater as demais. Mas para Cassirer as formas simbólicas não podem se julgar umas às outras, já que todas, enquanto construção simbólica, têm o mesmo grau de validade.⁹ Cassirer também alerta que a reflexão filosófica poderia escapar de uma posição restrita semelhante se conseguisse encontrar uma visão de conjunto que possibilitasse abarcar todas as formas simbólicas nas suas relações imanentes entre si.

Processo da cultura humana

Conforme foi exposto, Cassirer diferencia e define o homem como um *animal simbólico*, um ser que cria signos e símbolos e dessa forma "interpreta" (constrói) a realidade, mesmo que nos estágios mais primitivos não tenha consciência dessa produção, a produção sgnica é a sua condição de possibilidade para captação da realidade. Cassirer denomina as várias "construções ordenadoras do mundo" como formas simbólicas e afirma que todas são iguais em valor, já que entende que todas têm o mesmo grau de objetividade. Não é óbvia essa tese de Cassirer, já que implica que, por exemplo, o mito e a ciência são

⁹ Essa questão será analisada no item 1.8

objetivos na mesma proporção. A resposta para tal questão encontra-se na concepção de objetividade de Cassirer que, diferentemente de Kant, não concebe objetividade como intersubjetividade universal, mas sim como construção da realidade. Nesse sentido, todas as formas simbólicas são objetivas na mesma proporção, já que todas constroem espontaneamente sua realidade.

Krois considera que a idéia de liberação do homem é um elemento básico na *Filosofia das Formas Simbólicas* de Cassirer. Pois o homem, enquanto animal simbólico, se liberta da estreiteza de uma existência orgânica e consegue conservar e transmitir os conteúdos da cultura para outras gerações. Mas Krois adverte que a idéia de liberação de Cassirer não deve ser entendida como uma idéia de progresso. Pois esta, tal como entendia o *esclarecimento*, concebia que mediante a utilização dos métodos racionais e científicos aplicados em vários aspectos da vida humana se alcançaria uma melhoria geral, tanto social quanto moral. O que Cassirer enfatiza na sua perspectiva de liberação do homem é a sua atividade, a sua possibilidade de autonomia de ação. A sua *Filosofia das Formas Simbólicas*, embora se encontre no espírito do *esclarecimento*, não defende um princípio de progresso, em que as formas simbólicas se sobreporiam umas às outras e o próprio mito seria superado e eliminado. Não se atinge um estágio de pura organização racional: o que existe é um constante conflito entre as formas simbólicas e, principalmente, entre a concepção mítica e não mítica do mundo. Para Krois, esta concepção se confirma em *O Mito do Estado*, obra em que Cassirer mostra que o mito nunca é eliminado totalmente da vida social, porque o homem não é exclusivamente um ser racional, tem potencial racional, mas é primariamente simbólico. O homem, enquanto *animal simbólico*, está sujeito a várias forças, emocionais, morais, artísticas etc., mas também tem potencialmente a capacidade de interagir com elas. Daí que para Krois a concepção de história de Cassirer assume um caráter heróico, pois o homem não é passivo, ele pode provar sua liberdade. "O homem só pode 'testar e provar sua liberdade' empenhando-se em uma constante luta para liberar-se a si mesmo da própria ignorância, barbarismo e medo. A concepção de Cassirer de história é heróica." (1987, p.186)

A liberdade do homem pressupõe ele reconhecer-se como criador de seu próprio mundo. À medida que se reconhece como criador é consciente da sua liberdade de agir e da sua responsabilidade; mas acontece que, adverte Cassirer, a liberdade não é simplesmente uma dádiva do céu concedida gratuitamente ou algo que pertença intrinsecamente à natureza humana. A liberdade deve ser conquistada, exercitada e mantida, o que para muitos se torna um fardo e não um privilégio. Esse é um dos problemas do nosso século: a renúncia à própria liberdade em meio à crise do conhecimento.¹⁰

Referências Bibliográficas

Obras de Ernst Cassirer

- 1 1918. *Kant, vida y doctrina*. Trad. Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. Capítulo III.
- 2 1923. *Filosofia de las Formas Simbólicas I: el lenguaje*. Trad. Armando Morones. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- 3 1925a. *Filosofia de las Formas Simbólicas II: el pensamiento mítico*. Trad. Armando Morones. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- 4 1925b. *Linguagem, mito e religião*. Trad. Rui Reininho. Porto-Portugal: Rés-Editora Lt, [199-].
- 5 1929a. *Filosofia de las Formas Simbólicas III: Fenomenología del reconocimiento*. Trad. Armando Morones. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- 6 1929b. "Disputación de Davos entre Ernst Cassirer y Martin Heidegger". In: HEIDDEGER, Martin. *Kant y el problema de la metafísica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996. p. 211 a 226. (obs. 1929: realização do debate).
- 7 1932. *La Filosofia de la ilustración*. Trad. Eugenio Imaz. México: Fondo de Cultura Económica, 1997. Cap. VI.
- 8 1942. *Las ciencias de la cultura*. Trad. Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- 9 1944. *An Essay on Man: An introduction to a philosophy of human culture*. New Haven and London: Yale University Press, 1992.
- 10 1944. *Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Trad. Tomas Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- 11 1946. *The Myth of the State*. New Haven London: Yale University Press, 1973.
- 12 1946. *O Mito do Estado*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- 13 1956. *Esencia y efecto del concepto de símbolo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.
- 14 1979. *Symbol, Myth and Culture: Essays and lectures of Ernst Cassirer 1935 - 1945*. Ed. VERENE, Donald Phillip. New Haven London: Yale University Press, 1979.
- 15 1996. *The philosophy of symbolic forms IV: the metaphysics of symbolic forms*. Trad. John M. Krois. Ed. By John M. Krois e Donald P. Verene. New Haven And London: Yale Univ. Press, 1996.

¹⁰ Essa questão foi analisada no capítulo 3 da referida dissertação de Mestrado (vide nota 1).

Obras sobre Ernst Cassirer

- FERNANDES, Vladimir. *Ernst Cassirer: o mito político como técnica de poder no nazismo*. 2000. (Tese de Mestrado em Filosofia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
- GONZÁLEZ PORTA, Mário A. La teoría do número en Natorp y Cassirer (1898-1910): (Una contribución histórica al estructuralismo matemático y a los orígenes del "semantic turn") *Thémata. Revista de filosofia*, n.17, Espanha, 1996. p.1-34.
- _____. De Newton a Maxwell: Una comparacion del tratamiento del tema de la objetividad en la filosofia de la ciencia kantiana y neokantiana com referencia particular al proyecto cassireriano de una filosofia de las formas simbolicas. (Trad. para o espanhol do próprio autor de Von Newton bis Maxwell. Objektivität in der Kantischen und Neukantianischen Wissenschaftstheorie mit besonderer Berücksichtigung von Cassirers Projekt einer "Philosophie der symbolischen Formen".) In: ENGSTLER, Achim e DIETER KLEIN, Hans (Eds.). *Perspektiven und Probleme systematischer Philosophie*. Bern, Peter Lang, 1996. p. 77-94.
- ITZKOFF, Seymour W. *Ernst Cassirer: philosofer of culture*. USA: Twayne Publishers, 1997.
- _____. *Ernst Cassirer: scientific knowledge and the concept of man*. London: Univ. of Notre Dame Press, 1971.
- KROIS, J. M. *Symbolic forms and history*. New Haven and London: Yale Univ. Press, 1987.
- _____. Review of Lipton's *Dilemma of a liberal intellectual* - G 14. *Journal of the history of philosophy*, 20. 1982. p.209-13.
- LIPTON, D.R. *Ernst Cassirer: The dilemma of a liberal intellectual in Germany. 1914-1933*. Toronto: Univ. of Toronto Press, 1978.